



**Título:** Toponímia da Guarda  
 Comunicações do I Fórum sobre Toponímia  
**Autor:** Vários  
**Coordenação:** Gonçalo Poeta Fernandes,  
 Hélder Sequeira  
**Editor:** Instituto Politécnico da Guarda  
**Data de Edição:** Outubro 2013  
**Local Venda ao Público:**  
 Instituto Politécnico da Guarda  
**Preço de Capa:** 5 €



*José d' Encarnação*

Não se explicita na ficha técnica nem na apresentação – que Gonçalo Poeta Fernandes subordinou ao título «Valorização urbana e promoção da identidade coletiva» – quando se realizou o fórum cujas comunicações se apresentam neste precioso volume de 158 páginas.

Na verdade, têm-se concretizado, nos últimos anos, a nível local, regional e até nacional, louváveis iniciativas neste domínio, porquanto se consciencializou que é, de facto, a toponímia mui significativo «repositório de informações» (p. 5), porque as designações dadas a um arruamento ou a uma zona do aglomerado urbano resultam de um processo que muito tem a ver não apenas com os circunstancialismos político-sociais mas também com a consolidação de uma identidade local, quer por através da toponímia se perpetuarem os nomes de pessoas que aí se notabilizaram, quer porque nela se consigna toda uma memória identitária.

Bem andou, pois, o Instituto Politécnico da Guarda, mormente em ter passado a letra de forma as intervenções então apresentadas.

Assim, Maria José Neto mostrou (p. 7-26) como, pela toponímia, se procurou construir na cidade uma «memória pública no século XX», relacionando-a com a expansão do espaço urbano até 1980.

Dulce Helena Pires Borges abordou, por seu turno, um aspecto deveras original, porque integrou minuciosamente as manifestações toponímicas no que era a vida social da cidade, mormente no que à religião dizia respeito: «havia *uma Guarda* poderosamente republicana, laica, maçónica e livre pensadora, e *uma Guarda* militantemente católica,

monárquica e conservadora, liderada por um conjunto de individualidades marcantes» (p. 31), dicotomia que, aliás, como se sabe, permanece bem presente na história portuguesa contemporânea. Refere-se, pois, de modo especial, às mulheres toponimicamente evocadas e que podem integrar-se no que chamou «a Igreja no feminino» (p. 27-62).

E, claro, não poderia faltar uma alusão à Mulher «na toponímia da Guarda», aspecto que Maria Antonieta Garcia desenvolveu (p. 63-85), sendo deveras curiosa a parte final do seu depoimento: «As velhas esquecidas», apontamento etnográfico de relevo.

Levi Manuel Coelho levou-nos a reflectir sobre a documentação em que nos devemos basear para se estudar a sério a toponímia de um aglomerado urbano e, neste caso, da cidade da Guarda (p. 87-107). Apontamentos de acurada investigação a reter.

António José Dias de Almeida abordou uma temática que é recorrente, pois «toponímia e literatura» andam de mãos dadas, haja em vista a quantidade enorme de arruamentos por todo o País que celebram os nossos escritores. Aqui, é questão dos escritores que algo tiveram a ver com a cidade (p. 109-117).

De modo particular me interessou, como epigrafista, o álbum que Hélder Sequeira apresentou, não sem adequado espírito crítico: as placas toponímicas constituem, na verdade, «imagens da cidade» (p. 119-143), sendo de notar a tendência, hoje generalizada, de nalgumas se identificar o teónimo actual e o antigo. Faltaram aqui – se calhar, já não existem, as placas que, seguramente, o Automóvel Clube de Portugal terá mandado colocar, em meados do século passado, à(s) entrada(s) do aglomerado urbano e que hoje, devido a essa localização, se revestem de grande interesse para os estudos da evolução da malha urbana.

O volume termina com as achegas de João Paulo Valbom no que concerne às possíveis aplicações da tecnologia à toponímia.

Pequena no formato e no tamanho, esta publicação constitui, por conseguinte, mui valioso contributo para a história local.